

Memória Cultural dos escritores: José Lins do Rego Evandro Figueiredo Candido¹, Suely da Fonseca Quintana² (orientadora)

1 Graduado em História pela UFV, Viçosa/MG; graduando em Letras pela UFSJ, São João del-Rei/MG; *evan.candido9@gmail.com

2 Professora Associada do Depto. de Letras, Artes e Cultura, UFSJ, São João del-Rei/MG

Palavras-Chave: *Memória, Infância, ficção.*

Introdução

Em 1956 José Lins do Rego, escritor paraibano, publica “Meus verdes Anos”, aquela que seria a sua última obra; dentre todas que escreveu, esta é considerada pelo próprio autor como memorialística. Ao observar as demais narrativas do autor, sobretudo as primeiras, nos deparamos com e personagens que se repetem; qual seria, então, o trato dado a esses personagens em diferentes narrativas? Estaríamos diante de uma construção da memória ou de uma ficcionalização da mesma? Neste trabalho, propomos investigar o trato dado a estes personagens, nas diferentes narrativas de **Meus verdes Anos**, **Menino de Engenho**, **Fogo Morto** e **Usina**. O trabalho também analisa aspectos da memória coletiva e individual, o conceito de memória presente na narrativa do escritor paraibano, aspectos religiosos que transparecem nos textos, bem como elementos de uma região ainda rural e seu processo de transformação tecnológica, na primeira metade do século 20.

Resultados e Discussão

Quando lemos as obras de José Lins do Rego, sobretudo **Menino de Engenho** (de 1932) e **Meus verdes Anos** (de 1956), vemos o desenrolar de uma memória de infância construída pelo adulto escritor. Ao lermos não só a primeira obra do romancista, mas também outras do chamado “ciclo da cana de açúcar”, percebemos uma constante repetição dos personagens, com variações em seu entorno. Os exemplos vão desde os cangaceiros, passando pelas imagens a respeito ao Rio Paraíba, até os amores de infância. Os mesmos cangaceiros que desempenham um papel relevante na terceira parte de **Fogo Morto**, aparecem como figuras decepcionantes aos olhos do narrador de **Meus Verdes anos**; o mesmo Rio Paraíba que, nos dois livros, surge imponente, como um personagem de peso para a sociedade, para o bem ou para o mal, aparece, em **Usina**, como totalmente dominado pela modernização das novas formas de produção do açúcar.

No que tange às considerações sobre a memória, temos, em **Meus verdes Anos**, a presença da memória coletiva; o autor destaca: “tanto me contaram a história que ela se transformou na minha primeira recordação de infância” (REGO, 1976b, p. 1165), referindo-se à memória da mãe. A memória em **Meus verdes Anos** é também pensada como engrenagem, o que sugere algo sempre em movimento que permite encaixes. Nota-se ainda, na introdução de **Meus verdes Anos**, uma memória cujas intenções são a de se voltar para o presente; uma visão retrospectiva do escritor no intuito de melhor compreender a si mesmo. O desenrolar da memória é sempre linear e retoma o passado vivido e as pessoas que significaram sua infância.

A narrativa, por fim, traz à tona aspectos do nordeste do Brasil na primeira metade do século 20, o contexto da produção de cana, a modernização e suas consequências (mais evidente em **Usina** e que revela um ambiente em transformação), bem como situações

relacionados à religião e questões de natureza social como a pobreza, a violência e a continuidade das práticas da escravidão, como pode ser observado, por exemplo, em **Menino de Engenho**.

Conclusões

Notamos, a partir da leitura das narrativas de José Lins do Rego, a construção de uma memória em **Meus verdes Anos** que é, ao mesmo tempo, ficcionalizada nas narrativas de **Menino de Engenho**, **Fogo Morto** e **Usina**, ao tratar os mesmos personagens de maneira distinta. Uma leitura nesse sentido recorda a fala de García Márquez, segundo a qual todo autor escreve uma única obra. As narrativas de Lins do Rego permitem que percebamos aspectos que abrangem o individual e o coletivo. A repetição dos personagens, bem como o trato diferenciado dado a eles, sugere que os vários romances se constituem como que num só, cujas tramas vão desde conflitos individuais dos meninos em sua “aurora da vida” até questões sociais como a pobreza e a violência. De certa forma, a leitura das obras de Lins do Rego é uma forma interessante de compreender alguns aspectos do nordeste Brasil na primeira metade do século 20.

Agradecimentos

Agradeço à professora Suely da Fonseca Quintana pelo auxílio e pelas sugestões de leitura. Agradeço também à UFSJ pelo apoio na participação do evento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.
- COENGA, Rosemar Eurico. **Infância e Leitura na Memória de Escritores**. Brasília: Universidade de Brasília, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. Trad. Beatriz de Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. In: **José Lins do Rego: ficção completa**. Vol2. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S.A, 1976a.
- _____. **Menino de Engenho**. In: **Romances Reunidos e Ilustrados: José Lins do Rego**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1980a.
- _____. **Meus Verdes Anos**. In: **José Lins do Rego: ficção completa**. Vol2. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S.A, 1976b.
- _____. **Usina**. In: **Romances Reunidos e Ilustrados: José Lins do Rego**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1980b.
- SANTOS, Robson dos. **A Política da Violência: o Rural e a fronteira do Capitalismo no Romance Terras sem Fim, de Jorge Amado**. *Literatura e autoritarismo Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo – Dossiê*, Maio de 2012 – ISSN 1679-849X <http://w3.ufsm.br/gpesqla/revista/dossie07/>
- VASCONSELOS, Maria Celi Chaves; CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; VICENTINA, Paula Perin. *Leitura e História*. Curitiba: CRV Ed, 2014.
- WOOD, James. **Como funciona a Ficção**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2011.